

MULHERES imPERFEITAS

CARINA CHOCANO

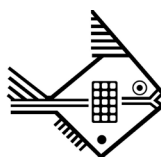
MULHERES imPERFEITAS

COMO HOLLYWOOD E A CULTURA POP CONSTRUÍRAM
FALSOS PADRÕES FEMININOS NO MUNDO MODERNO

Tradução

Martha Argel

Humberto Moura Neto



**Editora
Cultrix**
SÃO PAULO

Título do original: *You Play The Girl*.

Copyright © 2017 Carina Chocano.

Copyright da edição brasileira © 2020 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 2020.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Cultrix não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

“A Ingênuza Escolhe entre o Casamento e a Morte”, “A Namorada Malvada”, “A Duroza”, “Donas de Casa Surreais”, “Celebriidades Góticas”, “Uma Proposta Modesta para mais Traição na Pré-Escola” e “As Garotas Adoram Matemática” foram publicadas primeiro, em uma forma diferente, na *The New York Times Magazine*. Partes de “Garotas de Verdade” e “A Linguaruda Ataca de Novo” foram publicadas no *Los Angeles Times*, e uma versão diferente de “Lily Totalmente Moderna” foi publicada primeiro em *Salon*.

A autora agradece a permissão para reimprimir a frase “Miley Cyrus Is Just Trying to Save de World” [Miley Cyrus está tentando apenas salvar o mundo], de Allison Glock (2015), cortesia de *Marie Claire*, Heart Communications, Inc.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Bárbara Parente

Gerente de produção editorial: Indiará Faria Kayo

Editoração eletrônica: S2 Books

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chocano, Carina

Mulheres imperfeitas : Como Hollywood e a Cultura Pop Construíram Falsos Padrões Femininos no Mundo Moderno / Carina Chocano ; tradução Martha Argel, Humberto Moura Neto. -- São Paulo : Editora Pensamento Cultrix, 2020.

Título original: You play the girl.

ISBN 978-65-5736-022-4

1. Comunicação de massa e mulheres 2. Mulheres - Condições sociais 3. Mulheres - Identidade 4. Mulheres na cultura popular 5. Papel sexual 6. Sexismo I. Título.

20-38560

CDD-305.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Aspectos sociais : Sociologia 305.42

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000

<http://www.editoracultrix.com.br>

E-mail: atendimento@editoracultrix.com.br

Foi feito o depósito legal.

Para Kira

Sumário

Introdução	9
Parte Um — Descendo pela Toca do Coelho	27
1. Coelhinhas	29
2. É Possível Salvar este Casamento?	45
3. A Estátua de Bronze da Deusa Virgem, Vadia, Megera e de Coração Duro	80
4. Que Sensação	93
5. A Eterna Atração Pela Doida Varrida	113
Parte Dois — A Lagoa de Lágrimas	129
6. A Ingênuo Escolhe entre o Casamento e a Morte.....	131
7. Uma Lily Totalmente Moderna	148
8. A Namorada Malvada	157
9. A Durona	165
Parte Três — Você não Teria Vindo para Cá	177
10. Donas de Casa Surreais	179
11. Garotas de Verdade	188
12. Celebridades Góticas.....	197
13. A Linguaruda Ataca de Novo	206
14. A Jornada Redentora.....	229
15. Uma Proposta Modesta para mais Traição na Pré-Escola	243
Parte Quatro — Um Chá Maluco.....	255
16. Deixa pra Lá.....	257

17. Todos os Vilões São Garotas	276
18. As Garotas Adoram Matemática	281
19. Vidas Fora dos Trilhos	289
20. Olhe para Si Mesma	300
21. Caça-Fantasmas ou Eu Quero um Número de Dança Feminista	311
Agradecimentos.....	326
Notas	329
Trabalhos Consultados	338

Introdução

MINHA FILHA, KIRA, OUVIA HISTÓRIAS ANTES DE DORMIR PRATICAMENTE desde que nasceu. Quando completou 8 anos, em 2016, já conhecia os primeiros quadrinhos de *Snoopy e sua Turma* [*Peanuts*], os romances de Frances Hodgson Burnett, os desenhos animados do *Homem-Aranha* [*Spider-Man*] dos anos 1960, as aventuras existenciais de *Frog and Toad*, as obras completas de Roald Dahl, *Star Wars*, as duas versões do filme *Annie* e ambas as versões de *Os Caça-Fantasmas* [*Ghostbusters*]. Não foi minha intenção levá-la a um passeio pelas obras de meu amadurecimento literário, e nem imaginei que, ao revisitar as histórias que amava quando era criança, iria lembrar-me delas de maneira muito mais vívida do que de eventos reais de minha infância. Mas foi o que de fato aconteceu. Em alguns momentos, questioneei meus motivos. O que eu achava que estava fazendo? Quais eram, exatamente, minhas intenções? Estava apresentando as coisas a ela ou estava apresentando-a a mim? E se eu estivesse me apresentando a ela de algum modo, por meio de seus globos oculares e canais auditivos, como um esporo cerebral transmitido pelo ar? Continuaría sendo algo educativo ou seria apenas bizarro? Seria eu como qualquer mãe ou pai normais, ou estaria mais para uma paródia de uma cuidadora *hipster* em um esquete de *Portlandia*? Era assim que a cultura funcionava?

* Série humorística de televisão, composta por esquetes que se passam na cidade de Portland (Oregon, EUA) e arredores. [N. T.]

Certa vez, quando Kira tinha 5 anos de idade, dei-lhe de presente um belo exemplar, ilustrado e caríssimo, do livro *Alice no País das Maravilhas* [*Alice's Adventures in Wonderland*], de Lewis Carroll, e sem querer deixei escapar que não me lembrava se já o havia lido. Ela pressentiu uma trapaça – talvez porque eu estava mesmo trapaceando. Para começar, eu já havia estabelecido um sistema de recomendações baseado em uma nostalgia declarada, e não em pedagogia. Além disso, ela já tinha assistido à adaptação em desenho animado da Disney e lido o livro baseado no filme, e parecia não ter gostado muito, assim como acontecera comigo na idade dela. Mas eu estava curiosa. Tinha o pressentimento de que o original tinha algo importante para me dizer. Assim, insisti, e Kira cedeu, mas, depois de algumas páginas, ela me interrompeu e exigiu que eu lesse *A Bela Adormecida* [*Sleeping Beauty*].

Por acaso, a versão de *A Bela Adormecida* que tínhamos fazia parte da mesma série de livros e era baseada no desenho animado estrelado pela Barbie gótica princesa Aurora, as fadas atrapalhadas Flora, Fauna e Primavera e a sofisticada supervilã Malévola. Kira era alucinada por *A Bela Adormecida*. Ela não se cansava nunca da história. Nós duas a líamos todas as noites na hora de dormir, às vezes duas vezes na mesma noite, durante um ano. Ela sabia a história de cor, do começo ao fim, e me fazia parar antes da parte em que Malévola invade o batizado, para poder recitar o trecho. Toda noite, Kira declamava com seriedade a maldição lançada por Malévola sobre a princesa e a reação alarmada dos pais da jovem.

“Antes do pôr do sol do seu décimo sexto aniversário, ela picará o dedo no fuso de uma roca de fiar, e mor-re-rá!”, dizia ela, com a voz de Malévola.

“Oh, não!”, exclamava com a voz da rainha.

“Prendam essa criatura”, ordenava com a voz do rei.

Era divertido.

A teoria do pai de Kira, Craig, era que ela gostava de *A Bela Adormecida* porque no fim a amaldiçoada princesa Aurora voltava para os pais, depois de passar dezesseis anos escondida com as fadas. Ser acolhida de volta pelo pai, o rei Estêvão, e pela mãe, a rainha Leila, era o verdadeiro final feliz. Essa interpretação fazia sentido para mim; crianças de 5 anos querem autonomia e liberdade, mas também querem sentir-se seguras, cuidadas e amadas – exatamente como os adultos. Mas, ainda assim, essa teoria não me satisfazia. Eu continuava atrás de algum incrível *insight* pré-escolar, alguma migalha apocalíptica de verdade que revelasse tudo. Como, por exemplo, *por que* ela gostava tanto de *A Bela Adormecida*? O que havia em Aurora para que Kira a colocasse tão acima das outras princesas? Eu gostava de pensar que tinha algo a ver com o fato de que, em última análise, Aurora desafiava uma sentença de morte ou que talvez Kira tivesse uma atração inconsciente pelo poder da fada rebelde. Mas a resposta de minha filha era sempre a mesma: a Bela Adormecida era a mais bonita. E era verdade. Ela era a mais bonita. De fato, o que mais se poderia querer de uma heroína? Seus cabelos eram os mais longos, mais loiros e mais esvoaçantes. Seu vestido tinha a saia mais rodada e a cintura mais estreita. Além disso, ela era jovem, inocente, passiva, ingênua, vulnerável, submissa, oprimida, bondosa com os animais, eficiente com a vassoura, perseguida e explorada – ou seja, indistinguível das demais. Um peão impotente na disputa pelo poder entre o rei e uma fada “do mal” ou rainha “perversa”, que sempre era derrotada no final. Ela falava muito pouco, e quando o fazia, sua voz era suave, nunca estridente. Ela cantava com doçura, trabalhava contente e sofria com nobreza e elegância. Desde o berço somos ensinadas a associar beleza com bondade e valor. É uma lição difícil de desaprender. Quando eu era pequena, a Bela Adormecida era minha preferida por ser a mais bonita também; porque eu a reconhecia como o ideal feminino. Eu compreendia que ela não era

apenas descritiva, mas prescritiva, que era não apenas a heroína de sua própria história, mas também o objetivo a ser alcançado.

Naquela noite, depois que Kira adormeceu, terminei de ler *Alice no País das Maravilhas* e fiquei chocada ao perceber como a história me parecia familiar, e a forma profunda como ressoava em mim. Alice era temperamental, esnobe, prepotente, crítica e esquentada. Fazia perguntas demais e tinha problemas com a autoridade. Era uma devoradora emocional, que absorvia com ansiedade tudo que encontrasse pela frente. Agia como se tivesse direito natural a coisas como explicações, respeito e uma linda casa cheia de brinquedos com os quais brincar. Ofendia-se com facilidade e com frequência sentia pena de si mesma. Era cheia de opiniões, questionadora e egocêntrica. Ela não se parecia nada com as heroínas dos contos de fadas – não era como a princesa ou como uma garota comum. Não admira que eu não gostasse dela. Comparada com a Bela Adormecida, Alice era um monstro. Ela era exatamente como eu.

A história é a seguinte: Alice tem 7 anos de idade e está descansando na beira do rio com sua irmã mais velha, em um cálido dia de primavera. A irmã lê um livro sem ilustrações, e Alice está entediada e quase cochilando, quando, de repente, um Coelho Branco vestido com um colete passa correndo, olhando seu relógio de bolso e resmungando algo sobre o horário. Alice se levanta e segue o Coelho por baixo de uma sebe, e por acidente cai dentro de uma toca de coelho. Ela aterrissa em um lugar absurdo, onde as regras da lógica ou da física não se aplicam. No País das Maravilhas, dependendo do contexto, que muda o tempo todo e não faz nenhum sentido, o corpo dela sempre é grande demais ou pequeno demais, suas emoções são exageradas e as criaturas que encontra são grosseiras, arrogantes, desdenhosas e hostis. Elas entendem errado o que ela diz e tomam-na pelo que não é. O Coelho Branco confunde-a com sua criada. A Pomba acha que ela é

uma serpente (quando o pescoço dela espicha como o de um flamingo). O Chapeleiro Louco e a Lebre Maluca dizem-lhe que não há lugar para ela à mesa de chá, embora esteja evidente que sobram lugares. Eles lhe oferecem um vinho que não existe e depois a censuram por invadir uma festa para a qual não foi convidada.

Todo esse *gaslighting** acaba levando Alice a uma tremenda crise de identidade. Ela começa a duvidar de sua sanidade. (“Somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca”, diz a ela o Gato de Cheshire. “Como você sabe que sou louca?”, pergunta Alice. “Deve ser”, responde o Gato, “ou não teria vindo para cá.”¹) Ela nunca havia acreditado em contos de fadas quando era mais nova, e no entanto ali estava, aparentemente presa em um. Alguém devia escrever um livro sobre ela, pensa. Talvez ela o escreva quando crescer. Então lhe ocorre que ela *já* cresceu – ou pelo menos já cresceu até onde poderia naquele lugar restritivo e infantilizado, onde não há espaço para uma pessoa como ela crescer.

Quando Lewis Carroll publicou *Alice no País das Maravilhas*, em 1865, o mundo estava no meio de uma revolução científica, tecnológica, econômica e social. A industrialização, a urbanização, a comunicação de massa, o transporte de massa e o livre comércio tinham possibilitado o surgimento do capitalismo de mercado e da classe média. O darwi-

* O termo *gaslighting* começou a ser utilizado em meados da década de 1960 para descrever fenômenos psicológicos envolvendo a manipulação de pessoas. Sua origem remonta à peça teatral *Gas Light* (1938), do dramaturgo inglês Patrick Hamilton, na qual parte da manipulação do marido para enlouquecer a esposa consistia em diminuir a intensidade da iluminação a gás da casa onde viviam. Após o sucesso da peça e de suas adaptações cinematográficas, a primeira de 1940, e a mais famosa, de 1944, com Charles Boyer e Ingrid Bergman nos papéis principais, surgiu o termo *gaslighting*, o fenômeno que consiste em fazer alguém questionar a própria memória, percepção da realidade e até mesmo a sanidade por meio de mentiras e manipulações.

Na atualidade, o termo vem sendo usado pelo movimento feminista para designar um tipo de violência de gênero, por conta do machismo que envolve a sociedade patriarcal e que causa danos mentais às mulheres em processo de abuso psicológico efetivado por muitos homens. [N.E.]

nismo, o marxismo e a psicanálise haviam revolucionado o mundo social. As recém-surgidas “damas” da classe média viram-se na desconfortável posição de terem de preservar simbolicamente os valores culturais. O que eram as mulheres e como elas se encaixavam na sociedade tornou-se uma obsessão pública. As mulheres mais cultas de classe média alta organizaram-se em torno de causas sociais como a abolição da escravatura, a temperança* e as reformas prisionais, da educação, do casamento e dos sanatórios; quanto mais elas se agitavam por sufrágio, por direitos de propriedade, de custódia, reprodutivos e legais, por acesso à educação superior e às profissões e por uma modernização do vestuário, mais eram pressionadas a se encaixarem em determinado modelo. O “culto da verdadeira feminilidade” era a resposta capitalista à “questão da mulher” – tal como, o que deve ser feito com elas e com suas malditas exigências? Era o confronto entre o clichê e as mulheres da Era Vitoriana, a reação original contra as reformas liberais, manifestada pela imprensa, pela mídia popular e pela publicidade;² ele dominou a mídia popular, às claras ou de forma dissimulada, condescendente ou hostil, polêmica ou utilitária, do mesmo modo como ocorre hoje em dia. O “culto da verdadeira feminilidade” ajudava a vender jornais e revistas, inspirava sermões, motivava cartas aos editores e gerava muito estardalhaço. Dava uma resposta materialista para uma questão existencial, preenchendo o vácuo deixado pelo término da antiga ordem social “divina” e feudal, e substituindo-a com uma ordem social “natural” baseada na “ciência”. O “culto da verdadeira feminilidade” dividia o mundo simbólico em dois, separando tudo em categorias. Os homens ficavam com a “esfera pública” formada por comércio, política, lei, cultura, razão e ciência; para as mulheres – as “verdadeiras mulheres” – ficava a “esfera privada” que incluía casa, filhos, moral e sentimento.

* O movimento da temperança, vigoroso nos EUA em fins do século XIX, foi um movimento de massa que se opunha ao consumo de álcool, culpando seus consumidores por todos os problemas da sociedade da época. [N. T.]

Vem daí a noção dos papéis de esposa e de mãe como um “trabalho”, e não apenas um trabalho qualquer, mas uma missão tão nobre e elevada que apenas poderia ser realizada por amor, jamais por coisas tão corruptas como dinheiro ou posição social. A “verdadeira mulher” recebeu a incumbência de criar um refúgio sereno e restaurador para o marido, distante do mundo sujo e corrompido do capital, no qual ele se aventurava para perseguir sua presa. Como compensação por sua total privação cívica e financeira, a esposa de classe média alta recebia a administração da casa – supondo que ela tivesse sorte suficiente para adquirir uma casa por meio do casamento. Suas funções incluíam lidar com os empregados, administrar o orçamento doméstico, supervisionar o desenvolvimento social, moral e espiritual do marido e dos filhos e dedicar-se a demonstrar com precisão o *status* do marido, por meio “do consumo de bens de luxo, do modo apropriado a uma dama”.³ Na segurança do lar, em seu “jardim protegido por muros”,⁴ ela tanto alimentava quanto reprimia suas ansiedades sociais e de *status*, ao seguir os conselhos de revistas como *Godey's Lady's Book* (1830-1878), que trazia dicas de moda e de como cuidar da casa, conselhos sobre questões de etiqueta social, vislumbres íntimos da vida de aristocratas e *socialites* e propagandas que exibiam todas as novidades indispensáveis mais recentes. Tudo aquilo que fazia com que uma dama fosse uma dama.

O fato de que poucas mulheres tinham condição de adotar o estilo de vida ali apresentado, ou de seguir tantos conselhos contraditórios, era totalmente irrelevante (as mulheres da classe trabalhadora, tendo que laborar em troca de um salário, eram sempre “reais” demais para serem “verdadeiras”). A “verdadeira feminilidade”, de qualquer modo, não passava de uma aspiração, pois nada é melhor para manter uma mulher em seu devido lugar do que tentar alcançar um padrão impossível.

A “verdadeira mulher”, também chamada de “anjo da casa”, por conta de um poema popular do poeta Coventry Patmore, era uma mulher idealizada, promovida sem cessar na publicidade, nos jornais, na literatura popular e nas revistas femininas.⁵ Era o ideal popular que se esperava que toda mulher moderna decente alcançasse.⁶ A historiadora Barbara Welter resumiu as quatro virtudes cardeais de uma “verdadeira mulher”: ela era virtuosa, submissa, do lar e pura.⁷ Sua inocência era infantil, e seu comportamento era modesto e recatado. Ela perdoava todas as transgressões do marido, sem cometer nenhuma. Ela o absolvía dos pecados. Ela buscava agradar. Seus modos eram irrepreensíveis e seu gosto, impecável. Ela era colocada como uma boneca frágil no alto de um pedestal estreito, de cima do qual poderia cair a qualquer movimento brusco.

Era para se encaixar nesse mundo que uma garota como Alice havia sido educada. Esse era o caminho para uma vida adulta bem-sucedida. Era esperado que ela se casasse, tivesse filhos e se tornasse a senhora da casa, e toda a educação que recebera tinha esse único propósito. A senhora da casa tornava-se parte da própria casa: tanto pela lei britânica quanto pela lei americana, o casamento a privava por completo de suas propriedades e personalidade. Uma mulher solteira era uma *feme sole*; a mulher casada era uma *feme covert*, ou “mulher resguardada”, legalmente englobada pela identidade do marido. As mulheres começaram a adquirir um *status* legal como pessoa com a Lei de Propriedade de Mulheres Casadas de 1839, mas ainda não usufruíam dele por completo na época de Alice.

No Peru, minha própria bisavó, Rosa María Montenegro, teve de se casar aos 16 anos com um próspero homem vinte anos mais velho.

“Eu ainda brincava de boneca”, ela me contou uma vez. “Na minha noite de núpcias, tentei fugir pela janela. Ninguém havia me contado nada.”